

Alexandra David-Néel: uma orientalista percorrendo a Ásia

Carmen Lícia Palazzo*

Resumo

Alexandra David-Néel (1868–1969), escritora e orientalista francesa, passou muitos anos percorrendo a Ásia e publicou uma vasta obra da qual constam relatos de viagens, reflexões sobre o pensamento oriental e romances ambientados na sociedade tibetana. Em seus deslocamentos passou longas temporadas na Índia, no Tibete, na China e no Sikkim mas visitou também o Japão, a Coréia, a Birmânia, a Malásia e o que era então a Indochina. Contribuiu para a divulgação do Oriente na Europa através de textos ricos e densos, frutos de um interesse que ultrapassava a curiosidade superficial pelo Outro. A imersão de Alexandra nas sociedades asiáticas onde viveu foi profunda e marcante em sua própria vida, levando-a a abandonar sua formação tradicional cristã convertendo-se ao budismo.

Palavras-chave: relatos de viagens; alteridade; orientalismo; Ásia.

Abstract

Alexandra David-Néel (1868–1969), a French writer and orientalist, spent several years wandering through Asia and published an extensive body of work comprising travel journals, reflections on Eastern thought, and novels set in the Tibetan society. During her journeys she remained for long periods in India, Tibet, China and Sikkim, but she also visited Japan, Korea, Myanmar, Malaysia and then-Indochina. She contributed to increase the awareness of the East in Europe by means of rich writings, stemming from an interest which went beyond mere curiosity for the Other. The immersion of Alexandra in the Asian societies in which she lived was deep and decisive in her own life, leading her to give up her traditional Christian education and convert to Buddhism.

Key-words: Travel journals, alterity, orientalism, Asia

* Carmen Lícia Palazzo é doutora em História pela UnB com cursos de especialização em Roma, Paris e Montevideú. Foi pesquisadora visitante da Georgetown University em Washington, D.C. e atualmente é pesquisadora convidada do UniCeub. Publicou artigos no Brasil, no Uruguai e na Argentina e o livro *Entre mitos utopias e razão: os olhares franceses sobre o Brasil* (Porto Alegre: Edipucrs, 2002).

Introdução

Relatos de viajantes se constituem, sem dúvida, em fontes importantes para a reflexão sobre a alteridade. No que diz respeito ao Oriente, a chamada literatura de viagens que tanto prosperou, principalmente na Europa, foi responsável pela construção de múltiplas imagens – como múltiplos foram os relatos daqueles que descreveram o Outro a partir de suas próprias inquietações. No século XIX, o geógrafo e explorador alemão Ferdinand von Richthofen batizou com o evocativo nome de Rota da Seda¹ uma vasta rede de caminhos que atravessavam a Ásia até os portos do Mediterrâneo e que eram percorridos por mercadores, peregrinos e aventureiros, desde a Antiguidade. Na Idade Média, Marco Polo, Rubruck, del Carpine contribuíram em larga escala para a ênfase na descrição de um Oriente mítico, repleto de maravilhas.

Partir, portanto, em busca do lucro proporcionado pelas mercadorias de luxo, tais como a seda, o jade, o sândalo, entre outras, mas também na esperança do encontro com mitos e utopias ancorados durante muitos séculos no imaginário ocidental, não era incomum para os europeus de diversas épocas. Mulheres viajantes, porém, que se deslocaram através da Ásia sem a companhia de um marido ou sem vinculação com as estruturas missionárias foram extremamente raras e, ao que se saiba, nenhuma delas deixou uma obra escrita tão densa e volumosa quanto a de Alexandra David-Néel.

Nascida na França, nas proximidades de Paris, no ano de 1868, Alexandra era filha de um jornalista francês livre-pensador e de uma belga, católica e monarquista. No decorrer de sua longa existência (pois viveu até as vésperas de completar 101 anos) esteve no continente asiático em várias oportunidades sendo que, em duas ocasiões, suas viagens converteram-se em longas estadias. Com base nas detalhadas referências encontradas nos inúmeros livros e artigos que escreveu é possível calcular que, entre 1891 e 1946, passou, ao todo, cerca de 24 anos no Oriente. Por duas vezes, de 1911 a 1924 e de 1937 a 1946, as permanências foram longas e contínuas, excluindo qualquer retorno à Europa. No presente

¹ A Rota da Seda tem sido estudada por pesquisadores tanto no Ocidente quanto no Oriente e, muitas vezes, por equipes de diversos países, o que tem originado a publicação de trabalhos importantes em várias áreas, como história, geografia, antropologia, religiões comparadas, etc. Para uma idéia do que tem sido feito, e informações bibliográficas, consultar a página do *Projeto Rota da Seda*: www.silkroadproject.org.

artigo será analisada apenas uma das grandes aventuras de Alexandra, a viagem que a orientalista realizou entre 1911 e 1924 e que lhe valeu a conquista de um imenso prestígio como escritora especializada em Oriente. Antes, porém, uma breve síntese de sua formação e de seus primeiros contatos com a Ásia permite entender melhor uma mulher tão fora dos padrões de sua época.

O período de formação

Alexandra, nos seus livros e artigos, não se detém muito na descrição de seus anos de adolescência e juventude. Deixa, no entanto, claro, que não sofreu pressões familiares para se adequar aos comportamentos que, no final do século XIX e início do XX, eram esperados de uma jovem pertencente à alta sociedade. O pai, Louis David, havia participado ativamente da revolução de 1848 e em consequência se exilara em Bruxelas, onde casou-se, surpreendentemente, com uma católica fervorosa e monarquista, Alexandrina Borghmans, retornando depois de algum tempo a Paris. O casal desfrutava de uma boa situação financeira e Louis mantinha relações com diversas personalidades de sua época, como Victor Hugo e o geógrafo Élisée Réclus. Alexandra era filha única e recebeu uma educação esmerada, dedicando-se desde cedo à leitura.²

Ainda que não especifique uma data, deixa bem claro que desde muito jovem desinteressou-se do cristianismo e foi procurar resposta às sua curiosidade espiritual nas filosofias do Oriente. Aos vinte anos de idade parte para Londres com dois objetivos bem definidos: aperfeiçoar seus conhecimentos de inglês e fazer contato com pessoas que freqüentassem grupos de estudos de caráter “orientalizante”³. Não faz referência, em nenhum de seus livros, a qualquer tipo de oposição familiar às suas viagens.

Corria o ano de 1888 e o fato do império colonial inglês estender-se largamente pelo subcontinente indiano favorecia a divulgação, na capital britânica, de relatos sobre aquele pedaço de Oriente, distante, exótico, mas de uma certa forma atingível porque conectado administrativamente à metrópole. Depois de alguns meses na Inglaterra, Alexandra decide instalar-se em Paris para estudar sânscrito. Durante quase três anos, até

² Diversos dados biográficos sobre Alexandra encontram-se esparsos em sua obra mas duas boas sínteses são: CHALON, Jean. **Le lumineux destin d’Alexandra David-Néel**, Paris, Librairie Académique Perrin, 1985 e MIDDLETON, Ruth. **Alexandra David-Neel: Portrait of an Adventurer**, Boston: Shambala, 1999, este último cobrindo apenas os primeiros cinquenta anos da longa vida da viajante.

³ DAVID-NÉEL, Alexandra. **Le sortilège du mystère**. Paris: Plon, 1972, p.20-22.

1891, permaneceu na capital francesa seguindo cursos dos professores Edouard Foucaux e Sylvain Lévi, no Collège de France e na Sorbonne. Sobre Foucaux, escreveu:

O professor Foucaux era também especialista em Tibete; ele tinha traduzido a versão tibetana do *Lalita vistara* (o *Gyatcher rolpa*). Foi ele quem primeiro me falou do Tibete e eu nem imaginava, naquela época, o papel que este país deveria ter mais tarde na minha vida ⁴.

Alexandra freqüentava o Museu Guimet, recém instalado em Paris e dotado de um grande acervo de arte asiática. Para a jovem orientalista principiante estar naquele recinto era a felicidade suprema. “Eu tinha (...) mantido contato com o museu Guimet e sua biblioteca onde me iniciava maravilhada na literatura e na filosofia da Índia e da China”⁵. Surge então a oportunidade de uma primeira viagem ao Oriente, tornada possível em virtude de uma herança que recebe de sua madrinha. Será um contato inicial relativamente breve se comparado com as aventuras que virão mais tarde. Entre o final de 1891 e o início de 1892, chegou à Índia, onde permaneceu por dezoito meses. O prestígio da viagem, inusitada para uma jovem sozinha, proporcionou a Alexandra, na volta à Europa, uma série de convites para proferir palestras e também para a publicação de diversos artigos em periódicos franceses, belgas e ingleses.⁶

Buscando, porém, o sustento numa atividade regular, retornou aos estudos de música que havia iniciado quando muito jovem. Após uma breve passagem pelo Conservatório de Bruxelas, deixou a Bélgica mais uma vez pela França. Em Paris, concluiu o curso de canto lírico e conseguiu uma colocação, em 1895, como primeira soprano na ópera de Hanói, na então Indochina francesa.⁷ Acaso ou nova busca pelo Oriente?

Após a passagem pela Indochina e depois de algumas apresentações pelo interior da França, seguiu para a Tunísia, no ano de 1900, onde foi contratada como diretora artística do Cassino da capital. Em Tunis aceitou o pedido de casamento que lhe fez Philippe Néel, engenheiro francês ali radicado e chefe da Rede de Estradas de Ferro do Norte da África. A cerimônia se realizou em 1904, quando Alexandra tinha trinta e seis anos e Philippe,

⁴ Idem, p. 83-84. (Traduções minhas nas citações da obra de Alexandra David-Néel).

⁵ Idem, p. 84.

⁶ CHALON, Jean. Op. cit., p. 91-92.

⁷ MARCHAND, Joëlle Désiré. **Les itinéraires d’Alexandra David-Néel**. Paris: Arthaud, 1996, p.48-49.

quarenta e três. Ambos eram maduros e independentes e o noivo estava consciente de que se unia a uma pessoa que tinha projetos próprios e que dificilmente se contentaria com a função exclusiva de esposa. Essa consciência é que provavelmente permitiu a permanência de um profundo relacionamento entre ambos mesmo durante os longos períodos que Alexandra passou na Ásia. Se o contato físico do casal foi esporádico, a amizade se manteve por muitos anos, até a morte de Philippe.

Alexandra, em muitos de seus escritos, deixa bem claro que o casamento tradicional nunca a seduziu. Faz referência à sua mãe como uma figura pouco interessante e com a qual nunca teve afinidade. Demonstra uma clara preferência pelo pai mas não leva em conta o fato de que ele deve ter se beneficiado de um casamento que lhe permitiu tanto a estabilidade em meio ao conturbado cenário político de seu país, quanto a confortável situação financeira proporcionada pela família de Alexandrina Borghmans, que possuía tradição no ramo de negócios de tecidos.⁸ Aliás a própria Alexandra devia, sem dúvida, a possibilidade das primeiras viagens – e principalmente os estudos em Londres e Paris – à posição da mãe na alta burguesia comerciante da Bélgica.

A temporada na qual a orientalista viveria enquadrada em uma vida de mulher tradicional foi, no entanto, bem curta. No mesmo ano de 1904 já deixava Philippe sozinho e viajava para a Europa com o objetivo de tratar dos artigos que publicava com certa regularidade.⁹ O marido, que provavelmente admirava a independência da mulher, ofereceu-lhe a possibilidade de retornar à Índia para passar alguns meses. Alexandra aceitou e partiu para o que deveria ser mais um período de estudos mas que, na verdade, durou catorze anos.¹⁰ A viajante chegou ao subcontinente indiano em 1911 e só voltaria à Europa em 1925, tendo percorrido também o Sikkim, o Tibete, a China, o Japão, e a Coréia.

A grande aventura: 1911-1924

Alexandra buscava na Índia as raízes da doutrina budista mas também os ensinamentos védicos, já que seu interesse pela filosofia oriental abarcava todo este conjunto de temas que pretendia desenvolver em artigos e também em um livro que

⁸ As informações sobre os anos de juventude de Alexandra encontram-se disseminadas em boa parte de seus escritos, mas sem detalhes muito precisos e acompanhadas de poucos comentários.

⁹ Idem, p. 55-62.

¹⁰ DAVID-NÉEL, Alexandra. **Journal de Voyage, t.1**. Paris: Plon, 1975, p.9-15.

planejava – e que escreveria – sobre a Índia. Mas mesmo demonstrando um grande interesse pela religiosidade vedanta, Alexandra rejeitava com muita firmeza o sistema de castas. Sua aproximação maior com o budismo foi bastante coerente já que o surgimento e a expansão inicial dos ensinamentos do Buda estava intimamente ligada à contestação das estruturas sociais hinduístas que cristalizavam as divisões entre as pessoas de acordo com castas às quais pertenciam de forma hereditária.

A orientalista sabia da importância em utilizar documentação original para suas pesquisas bem como da necessidade de dominar perfeitamente o idioma sânscrito, que vinha estudando já há algum tempo mas no qual continuava a se aperfeiçoar. Considerava sua estadia na Ásia como uma viagem de estudos e não uma simples distração:

Meu campo de trabalho é sobretudo a Índia pois é sobre a filosofia da Índia que eu vou escrever. (...) é conveniente que eu junte uma boa colheita de documentos sobre a Índia. Eu gostaria de publicar inicialmente um volume sobre o *Vedanta*, o que já era minha intenção, depois um estudo sobre o *yoguismo*. E eu gostaria, ainda, de escrever algo sobre os líderes religiosos da Índia contemporânea, *Vivekananda* e outros, enfim, um estudo sobre os *Brahmo* reformistas. Eu nado em tudo isto em Calcutá. Vou fazer inúmeros relacionamentos que me servirão muito (...) ¹¹

Alexandra escreveu sobre os temas a que se propunha, tanto em livros quanto em diversos artigos, que enviava do Oriente aos jornais europeus. ¹² Foi uma articulista regular do *Mercure de France* e do *Soir* de Bruxelas. Certamente uma das razões de seu imenso sucesso era devido à total imersão no Oriente. Tendo se instalado na Ásia por muitos anos e adotado o budismo como filosofia de vida, era bem mais do que uma observadora de passagem. A viajante não dá maiores detalhes sobre a opção que fez pelo budismo – apenas

¹¹ DAVID-NÉEL, Alexandra. **Journal de Voyage t.1**, op. cit., p.86.

¹² O estudo sobre o pensamento e a prática da religiosidade hinduística do Vedanta era o objetivo desta viagem de Alexandra à Ásia. Naquele final de século XIX as diversas correntes do hinduísmo estavam sendo difundidas no Ocidente tanto pela curiosidade que despertavam enquanto pensamento exótico, oriundo da atraente colônia britânica da Índia, quanto pela presença marcante de diversos mestres que visitavam a Europa e os Estados Unidos. Uma destas personalidades mais destacadas foi Swami Vivekananda que, em 1893, portanto dois anos após Alexandra ter embarcado para a Ásia, representou o hinduísmo no Parlamento das Religiões, um encontro bastante divulgado e que se realizou em Chicago. Naquela oportunidade, crescia o interesse pelo Oriente o que certamente abria espaço para a repercussão das palavras de Vivekananda.

declara-se budista – mas, desde a juventude, manifestava interesse pelas filosofias orientais e, ao que tudo indica, nunca foi forçada pelos pais a seguir o cristianismo.

Em diversas passagens de seus escritos foi sempre muito crítica ao papel dos missionários protestantes e católicos que tentavam converter os asiáticos. Hospedou-se diversas vezes em missões cristãs do Oriente, católicas e protestantes, mas sem esconder sua condição de budista. Na verdade, hospedar-se junto a missionários cristãos europeus era muito comum para aqueles que viajam pela Ásia no século XIX e primeiras décadas do século XX. Alexandra, em mais de uma oportunidade, mostrou-se agradecida tanto a protestantes quanto a católicos que a abrigaram, mesmo sabendo que ela era seguidora dos ensinamentos de Buda.

Em certa oportunidade, no interior da China, na cidade de Kuangyüan teve a oportunidade de desfrutar tanto de um jantar na missão protestante inglesa quanto da hospitalidade de um padre católico, que era um chinês convertido. O fato de que ambos não conseguiam conversar fluentemente em virtude da barreira do idioma, no caso o chinês e o latim, únicas línguas que o padre dominava, não a impediu de apreciar as gentilezas do anfitrião. Com graça, Alexandra relata em uma carta ao marido distante:

Há dois dias eu estou hospedada na Missão católica onde há só um padre chinês que tenta balbuciar em latim comigo. Tu podes imaginar como a conversa deve ser interessante. A língua de Virgílio não me é particularmente familiar.

A Missão está cheia de mulheres, os maridos de algumas delas são oficiais que partiram para a guerra (...) Há muito tempo que eu não me alimentava tão bem. Eu também fui convidada para a Missão protestante, onde há duas inglesas. O jantar lá era melhor servido mas infinitamente menos farto. O padre chinês (...) me deu boas geléias e manteiga em caixa, para a viagem. As inglesas me deram docinhos secos.¹³

A orientalista traduziu para o francês alguns textos do budismo de vertente lamaísta e também textos do vedanta hinduísta, já que dominava tanto o idioma tibetano quanto o sânscrito, contribuindo, portanto, para a divulgação do pensamento asiático na Europa. Em toda a sua obra, raras são as comparações com os comportamentos europeus e mais raras ainda aquelas nas quais o Ocidente é citado como exemplo positivo em relação ao Oriente.

¹³ DAVID-NÉEL, Alexandra. **Journal de Voyage, t.2**, Paris: Plon, 1976, p. 214.

No pequeno reino do Sikkim, que Alexandra visitou e onde permaneceu durante certo tempo para estudar alguns textos budistas, teve a oportunidade de manter uma sólida amizade com o príncipe herdeiro do trono. Ele mesmo estava interessado em discussões de caráter filosófico e trabalhava pela modernização do budismo. Através do príncipe, a viajante teve acesso a algumas autoridades religiosas lamaístas e participou ativamente das atividades do mosteiro de Phodang, onde esteve hospedada. Chegou mesmo a proferir uma palestra para diversos lamas, na qual dava sua própria interpretação de um texto canônico do budismo tibetano.¹⁴ Entre 1912 e 1916 a orientalista fez diversas viagens pela região do Himalaia, tendo sempre em mente seu projeto de visitar o Tibete. Relacionava-se com muitos tibetanos que viviam no Sikkim e estudava o idioma e os textos do lamaísmo. Ousou, então, entrar no país clandestinamente, já que não havia pedido autorização para as autoridades inglesas.

Naquele período, o Tibete era considerado um dos lugares mais fechados do mundo, tanto devido a sua própria opção de não permitir o trânsito de estrangeiros sem que houvesse autorização prévia, quanto em função dos interesses ingleses e chineses. Ora um ora outro dos países que exerciam seu controle sobre o governo de Lhasa tomava medidas para que não houvessem espiões entrando nos territórios sob sua influência, o que era parte do jogo de disputas no quadro das relações internacionais do início do século XX.

Alexandra viajava na companhia de Aphur Yongden, um garoto que havia conhecido na comunidade tibetana do Sikkim. Como era habitual na região, contratou-o para acompanhá-la como guia e auxiliar em suas viagens. Com o tempo, o jovem passou a se interessar vivamente pelas leituras e foi alçado à condição de colaborador da orientalista nas traduções que ela realizava e, em seguida, a parceiro de estudos.

O percurso até atingir a capital tibetana foi ao mesmo tempo difícil e fascinante, atravessando grande parte do território chinês, já que havia partido de Pequim para realizar tal proeza. Em diversas cartas, Alexandra detalhou para o marido a aventura, que incluía a passagem pelo oásis de Dunhuang, no interior da China. Dunhuang possui um excepcional conjunto de cavernas decoradas com pinturas e esculturas budistas que foram sendo realizadas ao longo do tempo. O oásis, um dos pontos-chave da milenar Rota da Seda era,

¹⁴ DAVID-NÉEL, Alexandra. **Journal de Voyage**, t.1, op. cit., p. 291.

especialmente entre os séculos III e XIV, um local de descanso para os viajantes, que ali faziam uma pausa, abasteciam-se para seguir adiante e, ao encontrar caravanas que vinham de diversas direções, obtinham informações sobre as dificuldades dos caminhos que ainda teriam que percorrer.¹⁵

As cavernas começaram a ser utilizadas no século III por monges chineses e estrangeiros, principalmente vindos da Índia mas também de outras regiões do continente asiático, que ali iam se estabelecendo e formando comunidades religiosas. As caravanas encontravam no oásis de Dunhuang não apenas um local de repouso e de apoio material antes de seguir caminho mas também o conforto para o espírito, junto aos ensinamentos não dogmáticos dos monges. E, como era de praxe, pediam e agradeciam a proteção para suas difíceis jornadas, fazendo doações que, ao longo dos anos, foram se concretizando como encomendas de obras de arte, enriquecendo as paredes das cavernas com um impressionante conjunto de pinturas e esculturas.

A região certamente impressionou a orientalista, tanto que, em uma de suas belas obras de ficção, escrita junto com Aphur Yongden, fez com que um de seus personagens, o jovem Munpa, passasse pelo mesmo caminho que ela havia percorrido. Sobre o Oásis de Dunhuang, grafado como Tunhwang, escreve:

Tunhwang é banhado pela luz, a maravilhosa luz da Ásia Central. Ela entra pelas centenas de alvéolos, prolongados pelas galerias que esburacam a superfície amarela do penhasco. E se, com sua força esgotada, ela não pode atingir as profundezas extremas dos corredores subterrâneos, estes se iluminam com a claridade sobrenatural difundida pela população de Budas com sorriso enigmático e repleto de compaixão.

A vista desta inumerável multidão do mundo dos afrescos deixou Munpa [o herói do romance] estupefato (...) em Tunhwang os afrescos não apresentavam de maneira nenhuma o espetáculo da agitação da vida mundana. Budas, discípulos e deuses se mostravam imutavelmente serenos, saídos do turbilhão das atividades irrisórias às quais se dedicam os seres nascidos do desejo (...) Tudo respirava paz em Tunhwang¹⁶.

O prosseguimento da jornada de Alexandra tinha como objetivo principal chegar até Lhassa. Em Lanzhou, capital da província chinesa de Gansu, a orientalista começou a se organizar seriamente para a grande aventura, pois ali era possível obter maiores informações sobre o difícil percurso que ainda teria que fazer em território chinês antes de

¹⁵ FAN, Jinshi,. "Art of Dunhuang Cave Shrines: A splendid achievement" in ZHANG, Wenbin. (ed.) **Dunhuang**. Beijing: Dunhuang Research Institute/Morning Publishers, 2000.

¹⁶ DAVID-NÉEL, Alexandra e YONGDEN, A. Lama. "La Puissance du néant" in **Dieux et démons des solitudes tibétaines**. Paris: Plon, 2004, p. 902.

chegar à fronteira tibetana. Naquele ano de 1923 a guerra civil na China fazia muitas vítimas e uma situação de descontrole e de impunidade tornava tanto as estradas principais quanto os pequenos caminhos extremamente perigosos.¹⁷

A maneira através da qual a dupla de viajantes conseguiu passar incógnita para evitar maiores problemas com as autoridades inglesas foi bastante engenhosa. A orientalista escolheu o disfarce de peregrina mendicante, que andava pelas estradas na companhia de seu filho, um jovem lama, no caso Aphur Yongden. Carregando um mínimo de bagagem e uma pequeníssima tenda portátil, ambos passaram a acampar, muitas vezes a dormir em grutas nas montanhas, aceitando eventualmente modestas ofertas de alojamento. Na Ásia, a figura de peregrinos, monges ou laicos, que se aventuram pelos caminhos, vivendo apenas de donativos, não chega a causar estranheza, mesmo atualmente. As diversas correntes budistas estimulam comportamentos deste tipo que levam ao mais completo despojamento. Mas o percurso seguido pelos dois viajantes não era fácil e, segundo as palavras de Alexandra, referindo-se a uma das etapas e também ao trajeto em geral:

Nós teríamos, mais uma vez, que atravessar uma cadeia de montanhas. Viajar no Tibete obriga a uma verdadeira ginástica dos músculos e dos pulmões. No decorrer de um mesmo dia, subindo e descendo dos vales aos cumos e dos cumos aos vales, passa-se por altitudes muito diferentes. Este exercício, talvez excelente para a saúde, não deixa de fatigar o caminhante (...)¹⁸.

No entanto, apesar das dificuldades, encontravam pelo caminho a boa acolhida dos habitantes das regiões por onde passavam. Uma peregrina mais velha suscitava atitudes de respeito e merecia proteção. Assim, com muita disposição, os dois viajantes, após oito meses de estrada, chegaram a Lhasa em fevereiro de 1924.

Alexandra David-Néel foi, ao que se saiba, a primeira mulher estrangeira a entrar na capital tibetana. A região da cordilheira do Himalaia, com suas disputas de fronteiras, com seus pequenos reinos e com os diversos protetorados das grandes potências não se constituía em uma área especialmente favorável à livre circulação de viajantes. Um fator importante do isolamento era a preocupação dos ingleses, nas primeiras décadas do século

¹⁷ Sobre a história da China, ver FAIRBANK, John King e GOLDMAN, Merle. **China: uma nova história**. Porto Alegre: L&PM, 2006 e também MORTON, W. Scott. **China: its history and culture**. New York: Mc Graw-Hill, 1995.

¹⁸ DAVID-NÉEL, Alexandra. “Voyage d’une parisienne à Lhasa” in **Grand Tibet et Vaste Chine**. Paris: Plon, 1994, p. 332.

XX, com ameaças a seu império. Assim, o governo tibetano e a Inglaterra, de certa forma, tinham uma visão convergente, ainda que por motivos distintos, sobre a manutenção daquela região tida como um lendário Xangri-Lá, isolada em sua própria especificidade.

A orientalista desafiou, porém, todas as interdições e não apenas entrou em Lhasa mas ali permaneceu durante dois meses, visitando o majestoso palácio do Potala e circulando animadamente pela cidade. Alexandra relata com detalhes o dia-a-dia em Lhasa e também os tipos curiosos que encontra, os cortejos, as roupas coloridas e a alegria dos tibetanos. É uma observadora entusiasmada mas também cuidadosa com relação às informações que fornece, pois procura conhecer em profundidade os locais onde se encontra, os comportamentos de seus habitantes e as diversas etnias que vivem nas sociedades multiculturais da região do Himalaia e da China. Sobre uma procissão que presenciou, escreve:

Nunca, no decorrer de minhas longas viagens, contemplei um espetáculo tão belo. A procissão compreende muitos milhares de figurantes em grandes trajes religiosos ou em fantasias lembrando as antigas modas chinesas, mongóis e tibetanas (...) Os elefantes do Dalai Lama fazem parte do cortejo, rodeados de animais fantásticos de papel, à moda chinesa, que se contorcem de mil maneiras.

(...)

espetáculo inesquecível que, por si só, teria recompensado todas as fadigas que eu tinha passado para contemplá-lo¹⁹.

Mary Louise Pratt, em seu livro *Os olhos do Império: relatos de viagem e transculturação* faz uma análise detalhada dos discursos de diversos viajantes e refere-se ao fato “(...) de que a ambientação doméstica tem uma presença muito mais proeminente nos relatos de viagens de mulheres do que nos de homens (...)”²⁰. A afirmação de Pratt é, sem dúvida, verdadeira para inúmeros casos e, em especial, para os relatos do século XIX. No entanto, Alexandra David-Néel se constitui em uma exceção já que raramente se detém em descrições de interiores. Uma explicação plausível para esta atitude é a de que, tendo circulado pelo Oriente como cantora de ópera e depois tendo morado e exercido uma atividade profissional na Tunísia, mesmo antes do casamento com Philippe, não era uma estranha no Oriente, não escrevia como alguém que tivesse deixado a Europa e mergulhado de forma repentina em algo totalmente novo. Sua condição de orientalista também a

¹⁹ Idem, p. 523-524.

²⁰ PRATT, Mary Louise. **Os olhos do Império: relatos de viagem e transculturação**. São Paulo, Edusc, 1999.

demarcava de outras mulheres que viajavam na função de acompanhantes de maridos ou da família.

Alexandra seguia os rumos que ela mesma havia traçado no âmbito de um projeto que era exclusivamente seu: estudar o pensamento oriental através do contato direto com seus lugares de origem e de difusão e escrever para o público leitor europeu os relatos do que via, acompanhados de suas próprias reflexões.²¹

Uma longa e excepcional existência

As aventuras de Alexandra levaram-na a dormir em tendas no Himalaia, a entrar em território tibetano, então proibido a estrangeiros, disfarçada de mendiga, mas, sobretudo, a manter um longo e profícuo diálogo com diversas personalidades da cultura asiática para aprofundar seus conhecimentos das religiões e dos comportamentos orientais. No decorrer de todos os seus deslocamentos continuou estudando e escrevendo os artigos que enviava com regularidade para a imprensa francesa e inglesa e, ao retornar à Europa, já tinha um público leitor cativo, interessado em suas aventuras.

No dia 10 de abril de 1925 Alexandra David-Néel e Aphur Yongden, que ela já então considerava como filho, partem de Colombo, atual Sri-Lanka, um dos portos mais utilizados na época, no embarque do sub-continente indiano para a Europa. O navio chega à França em maio. Um mês de viagem por mar para reencontrar o país que a orientalista havia deixado há 14 anos — período durante o qual viveu provavelmente a mais impressionante aventura que se tem notícia com relação a uma mulher ocidental.

O marido não vai esperá-la e o reencontro só se dará em fevereiro do ano seguinte! O casal não voltará mais a viver junto, encontrando-se pouquíssimas vezes. Ambos, porém, apesar do afastamento físico, continuarão mantendo uma intensa correspondência até a morte de Philippe Néel, em 1940. Alexandra, apesar da reação contrária do marido a seu desejo de adotar Aphur Yongden, consegue convencê-lo a assinar os papéis necessários, dando seu consentimento. A orientalista preocupava-se em deixar o jovem tibetano bem amparado, quando ela faltasse. O que não imaginava é que seria ela própria quem viveria

²¹ É impossível detalhar, no âmbito de um artigo, toda a vasta obra de Alexandra David-Néel, bem como a relação de suas palestras e do conjunto de suas atividades. Nas fontes e referências bibliográficas encontram-se arrolados seus livros e outras publicações importantes para um melhor entendimento de tão complexa personalidade.

longamente, bem mais do que seu filho. Mas Yongden ainda foi seu companheiro em inúmeras viagens e também participou ativamente das atividades intelectuais de Alexandra, escrevendo alguns textos em parceria com ela e trabalhando em traduções de fontes tibetanas.

A temporada européia da orientalista, que retorna da Ásia já bastante conhecida, será repleta de atividades, todas elas vinculadas aos relatos de suas viagens: escritos, publicações, palestras, encontros com grandes personalidades se sucedem e tornam seu nome e suas aventuras conhecidos também internacionalmente. A fama lhe chega com rapidez. Suas palestras no Museu Guimet e no *Collège de France* atraem um grande público no qual se mesclam professores universitários especialistas em Oriente e leigos em geral. Orgulhosa de seu trabalho, relata a Philippe, em uma carta escrita em Paris e datada de 4 de maio de 1927, o sucesso que estava alcançando na capital francesa:

Eu te envio três jornais. Em dois deles encontrarás as resenhas de minhas conferências, a do Museu Guimet foi um grande sucesso. E quanto à do *Collège de France*, d'Arsonval e eu estamos sendo invadidos por cartas de pessoas que querem saber se ela vai ser impressa e pedem para comprar a brochura. (...)

Eu recebi também longas e elogiosas notas de meu livro que foram publicadas em jornais da América.²²

D'Arsonval era professor do *Collège de France* e membro da Academia de Ciências. Mas era também um amigo de longa data de Alexandra e sempre apoiou com grande entusiasmo suas aventuras. O livro ao qual ela se refere e que estava fazendo sucesso também nos Estados Unidos era *Viagem de uma parisiense à Lhasa*, que relatava suas aventuras para chegar até a capital tibetana.

Em 1928, decidida a se fixar em algum lugar onde pudesse continuar escrevendo e onde pudesse também colocar os objetos que havia trazido de tantas viagens, Alexandra compra uma casa em Digne, no sul da França. A propriedade recebe o nome de *Samten Dzong*, que em tibetano significa “Fortaleza de Meditação.” Em uma carta datada de 28 de abril daquele mesmo ano descreve com entusiasmo para Philippe a nova morada:

A região é muito bonita e minha propriedade admiravelmente situada. Diante da minha

²² DAVID-NÉEL, Alexandra. **Journal de Voyage**, t.2, op. cit., p. 296.

porta, a estrada de Nice, margeada de árvores oferece um belo caminho debruçado acima do rio com um fundo de montanha. O ar aqui também me convém muito mais do que o da beira do mar. Enfim, estou satisfeita com minha aquisição.²³

Alexandra David-Néel já era, então, uma figura de destaque no cenário europeu. Altos funcionários do governo francês a receberam em inúmeras oportunidades até que, no início de 1929, despertou grande interesse no então presidente da República, Gaston Doumergue. Ele próprio providenciou o apoio oficial e um conseqüente auxílio financeiro para que retornasse à Ásia.²⁴

A nova viagem, no entanto, só se concretizará em 1937, quando Alexandra terá 69 anos de idade. Impressionante espírito aventureiro e resistência física daquela que veio a se constituir, sem sombra de dúvida, numa das mais fascinantes personalidades do século XX. O último de seus livros foi escrito em 1964, quando a orientalista estava com 95 anos de idade.²⁵

Em 1969, quase às vésperas de completar 101 anos, a viajante renovou seu passaporte. Mas faleceu em seguida, sabe-se lá com que projetos ainda em mente... A casa em Digne, onde viveu nos períodos em que se encontrava na Europa, foi transformada em um centro cultural e museu. É também sede de uma associação de apoio às crianças tibetanas refugiadas em virtude da invasão e domínio chinês naquele país.

Fontes e referências bibliográficas

Fontes:

- DAVID-NÉEL, Alexandra. **L'Inde où j'ai vécu**. Paris: Plon, 1951.
- . **Textes tibétains inédits** (apresentação e tradução). Paris: La Colombe, 1952.
- . **Quarante siècles d'expansion chinoise**. Genebra/Paris: La Palatine, 1964
- . **Le sortilège du mystère**. Paris: Plon, 1972.
- . **Journal de Voyage, t.1**. Paris: Plon, 1975.
- . **Journal de Voyage, t.2**. Paris: Plon, 1976.
- . **Le bouddhisme du Bouddha**. Paris: Éditions du Rocher, 1977.
- . "Voyage d'une Parisienne à Lhassa" in **Grand Tibet et Vaste Chine**. Paris: Plon, 1994.
- . "Sous des nuées d'orages" in **Grand Tibet et Vaste Chine**, Paris: Plon, 1994.

²³ Idem, p.299.

²⁴ Idem, p.307.

²⁵ DAVID-NÉEL, Alexandra. *Quarante siècles d'expansion chinoise*. Genebra/Paris, La Palatine, 1964.

DAVID-NÉEL, Alexandra e YONGDEN, Lama Aphur. "Mystiques et Magiciens du Tibet" in **Dieux et démons des solitudes tibétaines**. Paris: Plon, 2004.

———. "La puissance du néant" in **Dieux et démons des solitudes tibétaines**. Paris: Plon, 2004.

Referências bibliográficas:

AFFERGAN, Francis. **Exotisme et alterité**. Paris: PUF, 1987.

BIBLIOTHÈQUE NATIONALE DE FRANCE. **Indes Merveilleuses: l'ouverture du monde au XV siècle**. Paris: Bibliothèque Nationale/Chancellerie des Universités de Paris, 1993.

CHALON, Jean. **Le lumineux destin d'Alexandra David-Néel**. Paris: Plon, 1985.

FAIRBANK, John King e GOLDMAN, Merle. **China: uma nova história**. Porto Alegre: L&PM, 2006.

FOLTZ, Richard. **Religions of the Silk Road**. New York: St. Martin's Griffin, 1999.

JINSHI, Fan. "Art of Dunhuang Cave Shrines: A splendid achievement" in WENBIN, Zhang (ed.) **Dunhuang**. Beijing: Dunhuang Research Institute/Morning Publishers, 2000.

KILANI, Mondher. **L'invention de l'autre: Essais sur le discours anthropologique**. Lausanne: Payot, 1994.

MARCHAND, Joëlle Désiré. **Les itinéraires d'Alexandra David-Néel**. Paris: Arthaud, 1996.

MIDDLETON, Ruth. **Alexandra David-Neel: Portrait of an Adventurer**, Boston: Shambala, 1999

MORTON, W. Scott. **China: its history and culture**. New York: McGraw-Hill, 1995.

MURPHEY, Roads. **East Asia: A new history**. New York: Addison-Wesley, 2001.

TODOROV, Tzvetan. **Nous et les autres**. Paris: Seuil, 1989.